

O JORNAL COMO ESPAÇO PARA A CRÍTICA AO ROMANCE

The journal as space to novel critic

Germana Araújo Sales
UFPA/CNPq

RESUMO

Durante o século XIX o jornal apareceu como um importante espaço para a exposição das ideias que circulavam na época, quer fossem as notícias políticas e econômicas, como as apreciações sobre o movimento cultural vigente no momento. Desse modo, não eram raras as publicações dos romances-folhetins nos rodapés dos periódicos, como também eram comuns os textos que emitiam apreciação crítica acerca do gênero romance. Sabe-se que a leitura de romances, durante muito tempo, esteve avaliada como inconveniente e pernicioso, e essas opiniões contrárias ao gênero foram disseminadas e chegaram ao Brasil, divulgadas em periódicos. Essa comunicação tem como objetivo apresentar algumas dessas críticas, presentes em jornais diários da cidade de Belém, Pará, e cotejá-las perante outros juízos críticos emitidos por intelectuais renomados.

PALAVRAS-CHAVES: crítica; romance; jornal.

ABSTRACT

During the nineteenth century the newspaper appeared as an important space for the exhibition of the circulating ideas at that time whether they were political or economic news as well as assessments of the current cultural movement. Thus, not rarely there were publications of serial novels in the footnotes of journals as there were also some texts emitting critical appraisal about the novels. It is known that reading novels was evaluated as inconvenient and pernicious for a long time and those contrary views to the gender were disseminated and arrived in Brazil through periodicals. This communication aims to present some of those critical reviews published in daily newspapers in the city of Belém, Pará, and compare them to other critical judgments issued by renowned intellectuals.

KEYWORDS: critical review; newspaper; novel.

1. Como nos romances

No romance *A normalista* (1893), de Adolfo Caminha, há uma cena em que a personagem Maria do Carmo, lê escondido o romance *O primo Basílio*, considerado impuro para moças de família:

Depois que saíra da Imaculada Conceição a vida não lhe era de todo má. Ora estava no piano, ensaiando trechos de música em voga, ora saía a passear com a Lídia Campelo, de quem era muito amiga, amiga de escola, ora lia romances... Ultimamente a Lídia dera-lhe a ler *O Primo Basílio*, recomendando muito cuidado: “que era um livro obscuro”, lesse escondido e havia de gostar muito. (...) Maria folheou ao acaso aquela obra prima, disposta a devorá-la. E, com efeito, leu-a de fio a pavio, página por página, linha por linha, palavra por palavra, devagar, demoradamente.

Uma noite, o padrinho quase a surpreendeu no quarto, deitada, com o romance aberto, à luz d’uma vela. Porque ela só lia o *Primo Basílio* à noite, no seu misterioso quartinho no meio da casa pegado à sala de jantar.

Que regalo todas aquelas cenas da vida burguesa! Toda aquela complicada história do Paraíso!... A primeira entrevista de Basílio com Luiza causou-lhe uma sensação estranha, uma extraordinária superexcitação nervosa; sentiu um como formigueiro nas pernas, titilações em certas partes do corpo, prurido no bico dos seios púberes; o coração batia-lhe apressado, uma nuvem atravessou-lhe os olhos... Terminou a leitura cansada, como se tivesse acabado de um gozo infinito... (*A normalista*, 1893)

A leitura do romance causa em Maria do Carmo sensações delirantes e excitação, efeitos considerados nocivos e justificáveis para que as preocupações com a leitura se fundamentassem, quer fosse pelas decorrências com a moral, quer fosse pelos danos que causavam ao espírito, ou porque poderia tornar o(a) leitor(a) afeito(a) a romantismos desnecessários ao caráter. O mesmo ocorre com a personagem Lenita, do romance *A carne* (1888):

Lenita, após um comprido sono, acordou calma, com os nervos sossegados, com os músculos distendidos, soltos. Mas estava abatida, mole, queixava-se de peso na cabeça, de grande cansaço. Passou dois dias na cama, e só ao terceiro pôde levantar-se.

[...]

E Lenita sentia-se outra, feminizava-se. Não tinha mais gostos viris de outros tempos, perdera a sede de ciência: de entre os livros que trouxera procurava os mais sentimentais. Releu Paulo e Virgínia, o livro quarto da Eneida, o sétimo do Telêmaco. A fome picaresca de Lazarilho de Tormes fê-la chorar.

Tinha uma vontade esquisita de dedicar-se a quem quer que fosse, de sofrer por um doente, por um inválido. Por vezes lembrou-lhe que, se casasse, teria filhos, criancinhas que dependessem de seus carinhos, de sua solicitude, de seu leite. E achava possível o casamento. (*A carne*, 1888)

O trecho descreve a apreensão em torno da leitura de romances, que estava presente nas páginas das narrativas, pois refletia a preocupação vertiginosa que ocupava o debate dos intelectuais e/ou personalidades responsáveis pela educação e conduta da sociedade, seja porque a leitura desses textos causavam danos ao espírito ou porque eram considerados frívolos.

2. Por que não ler romances

O cenário da crítica ao romance foi inaugurado na ocasião do seu surgimento, em meados do século XVIII, quando teve início a contenda entre os que o defendiam e aqueles que investiram esforços em descrever os prejuízos que sua leitura podia causar. Essas contestações que avaliavam o gênero como inconveniente e pernicioso foram disseminadas, atravessaram o oceano e chegaram ao Brasil, abrigadas em diversas páginas, entre elas, as folhas periódicas diárias ou semanais, de fácil alcance do leitor constituíram um suporte favorável para promover e divulgar o pensamento em torno do ato de ler. No jornal *O Carapuceiro*, por exemplo, periódico moral, publicado em Recife, capital de Pernambuco, durante quinze anos, entre 7 de abril de 1832 e 28 de setembro de 1847, teve na figura do Padre Lopes Gama, um dos maiores responsáveis em resguardar a educação das jovens, mantendo-as distantes das leituras de novelas e romances, como é possível ler em seu longo artigo intitulado “A Educação”, divulgado no número 8 do retromencionado jornal, no dia 16 de junho de 1832:

Ah, fujam os pais, quanto lhes for possível, de que suas filhas se entreguem à leitura de Novellas. Eu não conheço cousa mais perniciososa aos primeiros annos, do que entreter a imaginação com ficções, quase sempre eróticas, de que estão cheias as taes novellas. Ninguém ignora o império da fantasia na Mocidade, mormente no bello sexo. Huam Moça espirituosa, e de hum temperamento ígneo, que lê os

sacrifícios de hum amante pela sua amada, que se habitua com a lição dos requebros namorados de hum galante, que nesses livros corruptores só vê expressões exageradas, artimanhas, e traças, quase sempre bem succedidas contra pais, maridos, etc., naturalmente vai gostando d'aquelas scenas, e em qualquer boneco enfeitado, que lhe atira huma olhadura expressiva, que lhe manda hum bilhetinho recheado de frases tabelioas, e lugares communs, quasi sempre copiados da Encyclopedia Nouvelleira, considera hum Faon, que está já tizico de amor por Ella que He uma Safo: e d'ahi a fazer milhares de loucuras há só hum passo. Eu exceptuo os Contos Moraes de Marmotel. Pais de famílias, attendei muito para estes concelhos, que muito vos devem importar. Se tendes mulher, e filhas Moças, duas cousas deveis acautelar, que vos não entrem em caza, que são, Novellas, e certas fúrias arripiadas, que andaõ offerecendo rendas para vender. Muitas vezes de baixo de hum desses tímões introduzem-se em vossas famílias todas as pragas do Egyto. A educação de huma Menina He objeto de summa delicadeza. Grande aptidão para as virtudes descubro nas minhas bellas Patricias: e por isso quanto mais as venero, e estimo, mais perfeitas, e virtuosas desejarei, que sejaõ.

Ao prevenir os pais contra os danos causados pelas novelas, o texto ilustrava o objetivo do jornal *O Carapuceiro*, que como muitos outros periódicos, durante o século XIX apareceram como um importante espaço para a exposição das ideias que circulavam na época, quer fossem as notícias sobre política e economia, como as apreciações sobre o movimento cultural vigente no momento.

Além das publicações dos romances-folhetins comumente publicados nos rodapés dos periódicos, eram comuns os textos que emitiam opinião crítica acerca da leitura de novelas e/ou romances. Alguns desses escritos emplacaram nos jornais diários da cidade de Belém, Pará, principalmente os de cunho religioso, como os Maçônicos: *O Pelicano* (1872-1899), *A Reacção*¹ (1880-1889), *O filho da viúva* (1873), *A Flamigera* (1873), *O Santo Officio* (1870-1889)², *O estímulo* (1877); e os católicos *Synopsis Ecclesiastica* (1848-1849), *A Estrella do Norte* (1863-1869), *A Boa Nova* (1872-1883)³, *Estrella D'Alva* (1860 - 1869) e *A regeneração* (1873-1876)⁴.

Entre esses jornais, *O Pelicano* (1872-1873), periódico dedicado à defesa da Maçonaria, bem como ao estudo e discussão de assuntos científicos, literários, artísticos, industriais e noticioso, com periodicidade semanal, publicado às quintas-feiras e aos domingos, teve seu primeiro número em 27 de junho de 1872. Na sua edição 31, em 06 de outubro do ano de 1872, foi publicado um texto intitulado "A sabedoria applicada", que abordava sobre os três preceitos da sabedoria, quais sejam: procura o bem, conserva-te e salva-te. Esses princípios, segundo o texto não deveriam nunca, estar um contra o outro e, por isso, a paixão é avessa a sabedoria e pode pervertê-la, assim como as ciências, e a instrução, pode também corromper a sabedoria, como explica Raymundo Catello-Branco:

As sciencias propriamente ditas, são: A philosophia, as sciencias naturaes, a moral, a jurisprudencia, as sciencias sociais, a litteratura, a historia, as mathematicas, a medicina, e assim outras.

¹ Jornal maçônico publicado em Cameté/PA.

² Periódico Imparcial, Crítico e Recreativo, de propriedade de Manoel R. da Silva, Mathias D.S. Pinheiro e Daniel W. Miller. Publica-se toda segunda-feira, e os assinantes podiam adquiri-la por 1\$000 ao mês. É uma publicação anticlerical.

³ Defendia as ideias católicas. Editor: Antonio Ferreira Rabello. Redatores: Conego Jose Lourenco da Costa Aguiar, Luiz Barroso de Bastos e Dr. Jose de Andrade Pinheiro. Administradores: Conego Clementino Jose Pinheiro e pelo padre Raimundo Amancio de Miranda. Sua publicação teve inicio em 04 outubro 1871, e encerrou a 20 maio 1883, cf/ref. Periodicidade varia. Tipografia ao Largo da Se. Mudança de tipografia: Typ. da Boa Nova. Referencia: Revista IHGB, 1908, v.1 pt. 2, p. 114; Jornal PARAoaras : catálogo. Belém, 1985, p. 58; CEHB 4908. Sem condições de manuseio. Possui suplemento ao dia 01 junho 1873

⁴ Redator-proprietário: Samuel Wallace Mac-Dowell. Mudança de subtítulo: órgão destinado a defesa do partido católico.

Destas sciencias, as que aproveitam mais ao homem moral, e que menos o prejudicam, são as sciencias sociaes e jurídicas.

Das sciencias sociaes destaca-se a política, que é a sciencia mais inomentosa do mundo, mas tão pervertida como a sabedoria.

A litteratura de romances devia ser proscripta;

Mas, fatalmente agrada tanto, que alguns moralistas tem adoptado o seu gênero, para serem lidos.

Rousseau cita o exemplo d'uma moça, que quase enlouqueceu de paixão pelas perfeições de Telemaco.

Um médico notavel fez a seguinte advertência: “A moça que lê romances aos 11 annos, terá ataques de nervos aos 20”.

O senso commum repelle o romance.

De mil poetas se tira um, que pode ser lido.

A leitura seguida de ataques de nervos, ou o enlouquecimento provocado pelo contato com essas narrativas, como o *Telêmaco*, por exemplo, entre outras obras semelhantes, alimentava a preocupação dos sábios e senhores responsáveis pela moral, que desejavam prevenir a mocidade do império dos sonhos, das predisposições às histerias e das excitações nervosas, como as ocorridas com as personagens Maria do Carmo e Lenita ao tomarem contato com os romances. Os sábios senhores preveniam que era necessário salvaguardar a alma das paixões e dos ímpetos e, portanto, afastar os olhos das páginas dos enredos das novelas e romances, era a melhor forma de manter alma e espíritos puros.

Nessa mesma linha de pensamento acerca dos danos provocados pelas paixões, o periódico *Estrella do Norte*, de 29 de janeiro de 1865 (Ed. 5. p.5), jornal religioso publicado em Belém, Pará, igualmente interessado em preservar os bons costumes, defende a razão em detrimento à utopia:

As paixões do homem o ordenaram de outra sorte. Laços necessários foram quebrados; o que devia ser indivisível, insensatos o separaram; querem a emancipação, e repellem a caridade. Então as esperanças de melhoramento se esvaecem, o mal cresce no solo em que imaginavam ter semeado o bem; era necessário o mutuo auxilio, e degolam-se. [...]

Em quantos livros nos quaes estão impressas estas palavras: - Nós queremos a liberdade, - se deveria achar na errata: lede – a autoridade -!

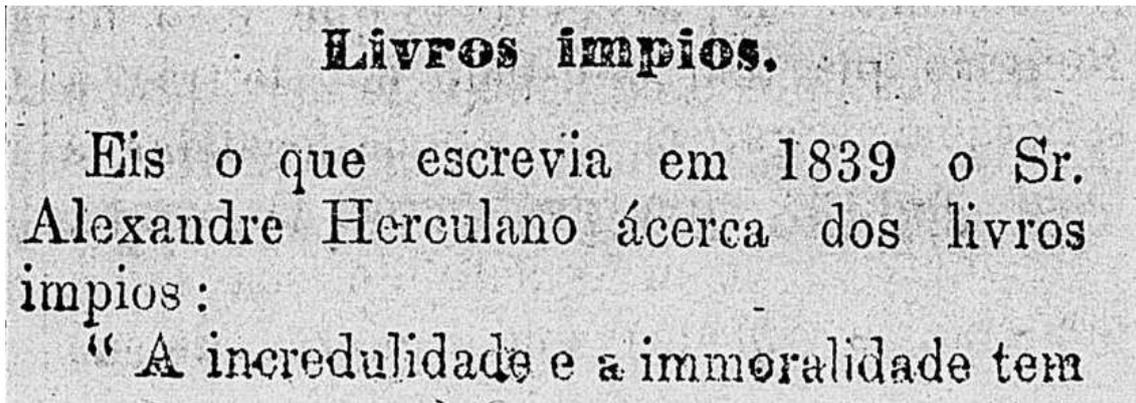
Com a pressa de brilhar e gozar, desprezam-se estudos sérios. Seria necessário muito tempo para ser estadista, e muito trabalho para ser homem de bem, fazem-se falladores; por isso, em nosso século, quantos homens que sabem fallar, porém que não sabem aquillo que fallam?

[...]

É fácil de traçar uma utopia; esta obra efêmera não exige nem talentos distinctos nem conhecimentos sérios; com imaginação póde prolongar-se um semelhante trabalho até que a mão se fatigue de escrever. Uma utopia é um romance em que o autor se dispensa de reproduzir os costumes, os caracteres e as paixões com fidelidade, e que não póde ter outro interesse senão o de um conto sem verossimilhança.

Os romances, considerados como livros nefandos, eram enquadrados como a pior influencia para distanciar os/as leitores (as) do mundo real e do conhecimento, como também afastavam o grupo da fé.

No ano de 1863, o periódico *Estrella do Norte*, em sua edição 47 (p. 374), reproduz um artigo assinado por Alexandre Herculano em 1839, que condena os livros ímpios e defende o afastamento dos/as leitores (as) dessas narrativas pecaminosas.



A incredulidade e a immortalidade tem feito populares os seus princípios, ou antes a sua falta de todos os princípios, e já há muito que nós lhes colhemos os fructos. Nos catálogos dos livreiros, e o que mais é por officinas e lojas de artífices, e vendedores, pelas moradas de obreiros, de soldados e até de proletários sem modo de viver conhecido, se encontram livros immoraes, e que seriam ridículos se na impiedade e dissolução tal circunstância se pudera dar. Boas almas, que em nenhum tempo faltam, tem traduzido, e multiplicado esses livros (cujos nomes enxovalhariam o papel) para traficarem na corrupção publica em que ganham ouro, que menos infamemente ganhariam sendo assassinos por salário; que estes matam o corpo e elles os espíritos; estes muitas vezes arriscam a vida no seu horrível officio, elles os não arriscam o corpo, na paz do gabinete, nem a alma porque essa não tem que perder.

Entretanto os templos cada vez vão se tornando mais ermos; os crimes multiplicam-se; a **moral expira**; as últimas esperanças dos homens honestos e crentes resolvem-se em paiz de bárbaros; assassino é um desafogo, a dobrez um mérito, o perjúrio um calculo de intresses, e apenas o paricidio será um feito, não horrendo, não abominável não maldito, mas digno de se reprehender, nos jornaes.

O redator, ao comentar a reprodução do texto, avalia a utilidade e atualização dos escritos do autor português, pois tratam da vulgarização dos escritos imorais e ímpios. Essas ponderações, de acordo com o redator, devem ser frequentes nos jornais, já que podem despertar o povo para a religião. Assim como no jornal *O Carapuceiro*, são chamados à responsabilidade, os pais de família, para quem cabe o encargo de não deixar que caia às mãos de seus filhos as produções libertinas os demais periódicos religiosos encaminhavam suas publicações no mesmo viés.

Os inúmeros julgamentos presentes nas folhas diárias comungam das mesmas opiniões negativas acerca do gênero, como as de Von Blankenburg, que em seu “Ensaio sobre a novela” afirma que, “não vale a pena refletir sobre um gênero de escritos voltados apenas ao entretenimento das massas”; e Vauvenargues, que assegura: “A acusação geral é que os romances baixam o nível cultural, promovem a curiosidade e o mexerico em prejuízo da *littérature savante*. Os romances acabam com o hábito de pensar.” Além do estrago, do aniquilamento do espírito e de baixar o nível cultural, essas narrativas foram acusadas de provocar a sedição, a blasfêmia, a difamação, a obscenidade, e, principalmente a perda de tempo.

3. Seria o fim do romance?

As incriminações em volta do romance estavam presentes tanto na fala institucionalizada, como também na preleção dos editores de jornais religiosos, ocupados com discursos moralizantes, responsáveis pela censura à leitura de ficção.

Na história do romance ocidental são inúmeros os momentos de reprovação ao ato de ler,

representação feita pelo censor que combate a leitura de narrativas, pois reconhece o caráter criminoso do gênero conceituado como inútil, nocivo e de desprezível frivolidade. A aproximação com essas leituras não teriam outra serventia senão desencadear paixões formidáveis e impetuosas, sentimentalismo exaltado e imaginação de cenas licenciosas, levando o leitor à ruína. Por esse motivo, os periódicos religiosos se anunciam como folhas que guardam as boas regras e que chamam atenção dos pais de família para os vícios que não devem ser praticados e, entre eles, aconselham que resguardecem suas casas de novelas e romances, pois podem causar danos irreparáveis, principalmente às esposas e filhas moças, virtuosas almas, que deveriam ficar resguardadas dessa praga que era a ficção.

Suas precauções deviam-se pelo cuidado de ser o romance considerado um facho ardente, que distorce a toda sorte de leitoras, pois são páginas cheias imoralidade que podem levá-las a crer e adorar o que pesam ser a felicidade. Toda essa crença deparava-se com a preocupação de tamanhas devastações que o gênero poderia provocar a todas as classes, mas principalmente no grupo feminino.

O temor dos educadores e religiosos se destinava, prioritariamente, que as jovens envolvidas com os enredos fossem seduzidas pelas ideias consideradas as mais depravadas como as preconizadas pelos mentirosos noveleiros, todas essas errôneas, contrárias às puras verdades. Esses pareceres, atribuídos aos homens eminentes virtuosos, preveniam que a torrente do mal alcançasse os bons espíritos ainda capazes de correção. Essa possível reeducação era possível com a publicação de bons romances que excitassem no ânimo de seus leitores sentimentos de religião, de respeito e de ordem e suprimissem a torrente causada pelo devaneio. Os romances considerados virtuosos seriam as únicas obras capazes de remediar a sorte às leitoras já envolvidas pelo entretenimento da leitura das narrativas. Dessa forma, as recomendações e aconselhamentos estavam inseridos na própria narrativa indicada para os dois fins: distrair e educar. Daí a leitura tida como horas de desafogo poderia ser, também, uma utilíssima e edificante lição incapaz de corromper a moral.

As precauções em torno da leitura de romances e/ou novelas, como mencionado no início do ensaio, atravessaram o século XIX e estiveram presentes desde as páginas dos romances, como no discurso institucionalizado da Igreja, reproduzido nos jornais religiosos. As leitoras anônimas deviam estar resguardadas das sensações estranhas e das superexcitações nervosas provocadas pela leitura de romances, conforme acometeu as personagens Maria do Carmo e Lenita. Para tanto, os sábios e doutos tinham consciência que não havia como por fim a uma “diversão” ou “entretenimento” que já havia ganhado espaço nas estantes e no gosto dos leitores. A solução seria divulgar as obras capazes de converter os espíritos para o bem, afastando-os das ideias que provocassem desejos e ilusões, mantendo a moral inabalada.

Referências

ABREU, Márcia. *Os caminhos dos livros*. São Paulo: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil; FAPESP, 2003.

_____. A contribuição da crítica – Julgamentos literários produzidos pela censura Luso-Brasileira. In: FIGUEIREDO, Carmem; HOLANDA, Silvio; AUGUSTI, Valéria (Org.). *Crítica e literatura*. Rio de Janeiro: De Letras, 2011.

BARBOSA, Socorro de Fátima P. *Jornal e literatura: a imprensa no século XIX*. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

DIAS, Tânia (Org.). *A historiografia literária e as técnicas da escrita: do manuscrito ao hipertexto*. Rio de Janeiro: Edições Casa Rui Barbosa; Vieira e Lent, 2004.

HANSEN, João Adolfo. Reorientações no campo da leitura literária. In: ABREU, Márcia; SCHAPOCHNIK, Nelson. *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas: Mercado de Letras, 2005. p. 13-44.

JOBIM, José Luís. *A crítica literária e os críticos criadores no Brasil*. Rio de Janeiro: Caetés; EDUERJ, 2012.

LAJOLO, Marisa. *Como e por que ler o romance brasileiro*. São Paulo: Objetiva, 2004.

MACHADO, Ubiratan. *A vida literária no Brasil durante o Romantismo*. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

RAFAEL, Gina Guedes. Jornais, romance-folhetim e a leitura feminina no século XIX: influências transatlânticas? *Revista Íris*, Recife, jul./dez. 2012.

ROQUE, Carlos. *História de "A Província do Pará"*. Belém: Mitograph, 1976.

SALES, Germana. Ainda romance: trajetória e consolidação do gênero no Brasil Oitocentista. *Floema (UESB)*, v. 9, p. 73-90, 2012.

SITI, Walter. O romance sob acusação. In: MORETTI, Franco (Org.). *A cultura do romance*. São Paulo: Cosac Naify, 2009. p. 165-195.

Recebido em: 17 mar. 2015.

Aprovado em: 9 abr. 2015.

